

SAVIANI, D.; DUARTE, N. (Orgs.). *Pedagogia histórico-crítica e luta de classes na educação escolar*. Campinas: Autores Associados, 2012.

ESCOLA PÚBLICA E SOCIALISMO: FACES DE UMA MESMA MOEDA

Régis Henrique Silva¹

A obra em questão, organizada por Dermeval Saviani e Newton Duarte, possui textos desses dois autores, escritos individual e/ou conjuntamente, e também um texto escrito por Newton Duarte em parceria com Benedito J. Pinheiro Ferreira, Julia Malanchen e Herrmann V. de Oliveira Muller.

Quanto à organização, a obra está dividida em três partes. Na primeira parte, constituída pelos três primeiros capítulos, os autores procuram explicitar a posição teórica que defendem, particularmente as concepções de homem, sociedade e educação. Na segunda, composta pelos capítulos 4 e 5, os autores voltam-se para a dissipação de equívocos e o fornecimento de respostas às objeções realizadas, a pedagogia histórico-crítica. Já na terceira e última parte, que são os capítulos 6 e 7, eles procuram identificar diferenças e pontos de convergência entre a pedagogia histórico-crítica e a pedagogia marxista, no sentido de unir forças para o enfrentamento da luta de classes e para a realização do projeto histórico de uma sociedade socialista.

A tese central do livro é, pois, a assertiva de que a luta pela escola pública coincide com a luta pelo socialismo, como afirmam os autores:

[...] Tal tese está apoiada na análise de uma contradição que marca a história da educação escolar na sociedade capitalista. Trata-se da contradição entre a especificidade do trabalho educativo na escola – que consiste na socialização do conhecimento em suas formas mais desenvolvidas – e o fato de que o conhecimento é parte constitutiva dos meios de produção que, nesta sociedade, são propriedade do capital e, portanto, não podem ser socializados (SAVIANI; DUARTE, 2012, p. 2).

Assim, segundo os autores, a referida contradição, por ser dinâmica, pode produzir movimento ao menos em duas direções: uma conforme os interesses da classe dominante, representada pela precarização da escola pública, e outra, de acordo com os interesses da classe trabalhadora, representada pela realização da função precípua da escola, qual seja a socialização do conhecimento como eixo central de todas as atividades realizadas no seu interior.

Nesse sentido, os autores ponderam que a luta pela realização da função precípua da escola pública, “[...] por si mesma, não revolucionará a sociedade pelo simples fato de que a escola não tem o poder de mudar a sociedade” (SAVIANI; DUARTE, 2012, p. 4). Porém, ao mesmo tempo, a efetivação da revolução como transformação consciente da realidade social atual por uma nova forma de regulação das relações sociais de modo superior, em outras palavras, qualitativamente superior ao modo de regulação vigente, é uma tarefa complexa e altamente desenvolvida no que se refere ao processo criativo, o

qual não se faz sem a apropriação do que existe de melhor no patrimônio cultural da humanidade. Por isso, a defesa da escola pública como *locus* privilegiado de transmissão-assimilação do conhecimento historicamente produzido pelo Ser Humano coincide com a luta pelo socialismo.

A primeira parte da obra se inicia com um capítulo de autoria de Dermeval Saviani e Newton Duarte, intitulado “A formação humana na perspectiva histórico-ontológica”, cujo conteúdo foi originalmente apresentado como trabalho encomendado na 32ª Reunião Anual da Anped, no âmbito do Grupo de Trabalho Filosofia da Educação, e posteriormente publicado na Revista Brasileira de Educação, no ano de 2010.

Assim, o capítulo se subdivide em cinco partes, destinando as duas primeiras para a discussão sobre o sentido da filosofia da educação e a formação humana. Segundo Saviani e Duarte, a tarefa precípua da filosofia da educação é acompanhar reflexiva e criticamente a atividade educacional e também, junto com a história da educação, constituir o núcleo duro da formação de todo educador.

Na terceira parte, os autores fazem um esboço de uma fenomenologia da época atual, observando que boa parte das ideias hegemônicas na educação em tempos recentes centra-se na crítica à “metafísica do sujeito”, particularmente a crítica à razão, à consciência, à verdade e à objetividade do conhecimento. Saviani e Duarte intitulam esse movimento de neopragmatismo, o qual, no esforço de se opor à referida metafísica, torna-se ele próprio fortemente metafísico, reduzindo tudo à linguagem. Como contraponto a este movimento, os autores apresentam, na quarta parte, a perspectiva histórico-ontológica da formação humana (radicalmente antimetafísica), particularmente o pensamento de Marx e sua filosofia historicizada contida nos Manuscritos Econômico-filosóficos, de 1844.

Por fim, na quinta parte do primeiro capítulo, Saviani e Duarte, consubstanciados nos conceitos e na argumentação apresentados anteriormente, defendem a filosofia da educação e o acesso aos clássicos como condição necessária à formação humana. Ainda nesta parte, eles esclarecem o sentido do termo “clássico”, a importância do estudo crítico dos grandes filósofos e polemizam com as análises pedagógicas maniqueístas que polarizam sujeito cognoscente com objeto cognoscível no processo lógico-gnosiológico de apreensão e produção do conhecimento.

No segundo capítulo da primeira parte da obra, de autoria de Newton Duarte e intitulado “Lukács e Saviani: a ontologia do ser social e pedagogia histórico-crítica”, este autor observa que ainda são poucos os esforços de aproximação entre os estudos de Lukács no campo de uma ontologia marxista do ser social e os estudos de Saviani no campo de uma pedagogia marxista (a pedagogia histórico-crítica).

Assim, Duarte desenvolve uma primeira aproximação a partir de uma perspectiva analítico-compreensiva, na qual a ontologia da educação é entendida como estudo do Ser “Educação”, sob a perspectiva do materialismo histórico e dialético, o qual visa compreender a essência das coisas como algo produzido historicamente.

Logo, a ontologia da educação, sob essa perspectiva, trata-se de uma análise dos processos historicamente concretos de formação dos indivíduos (formação humana) e de como, por meio desses processos, vai se definindo no interior da vida social um campo específico de atividade humana, o campo da atividade educativa. Este se contrapõe à perspectiva de análise ontológica compreendida como uma

reflexão filosófica metafísica, idealista, que busca apreender a essência das coisas, e particularmente da educação como algo independente da realidade concreta.

Assim, Duarte, ao analisar trechos da obra de Saviani, identifica elementos que podem contribuir para uma ontologia da educação, dentre elas as definições de ato educativo e trabalho educativo. Nestes, são evidenciadas as características basilares das obras de Saviani, quais sejam: a busca pela superação da dualidade entre essência e historicidade; e o seu esforço de que uma teoria marxista da educação possa ser também uma pedagogia marxista.

O terceiro e último capítulo da primeira parte da obra de autoria de Dermeval Saviani, intitulado “Marxismo, Educação e Pedagogia”, foi elaborado a partir da modificação dos trabalhos “Marxismo e educação”, publicado na Revista Princípios, em 2006 e “Marxismo e pedagogia”, apresentado no III Encontro Brasileiro de Educação e Marxismo (EBEM), realizado em Salvador, em 2007, e publicado na Revista Histedbr On-line, em 2011.

Nesse capítulo, Saviani discute o tema da relação entre marxismo e educação sob a perspectiva da relação entre a teoria marxista e a pedagogia socialista. Para tanto, inicia o texto estabelecendo diferenças entre o “socialismo utópico”, inicialmente formulado por Simon, Owen e Proudhon, e o “socialismo científico”, explicitado por Marx e Engels.

Nesse sentido, a transcrição a seguir é elucidativa da contribuição da teoria marxista para as noções de socialismo e pedagogia socialista:

Mas, como assinalou Engels, era necessário superar o caráter utópico que marcava essa visão do socialismo. Para tanto, impunha-se captar o modo de produção capitalista em suas conexões e em sua necessidade histórica pondo em evidência sua estrutura interna, “seu caráter íntimo” que ainda se encontrava oculto. *Essa tarefa foi realizada por Marx que, com a “teoria da mais-valia”, desvendou o segredo da produção capitalista. Por esse caminho foi possível ao socialismo tornar-se científico.* Nessa acepção, o socialismo, em lugar de ser considerado como um ideal a ser conquistado pelo entusiasmo da vontade pondo em prática planos atraentes, passou a ser encarado como produto das leis de desenvolvimento do capitalismo, emergindo como sua negação no processo revolucionário de transição para o comunismo conduzido pelo proletariado. Emerge, nesse novo contexto teórico, outra acepção para a expressão “pedagogia socialista”. Esta passa a ser entendida como a visão de educação decorrente da concepção marxista da história, estabelecendo-se a conexão entre teoria marxista e a pedagogia socialista (SAVIANI, 2012, p. 60-61; grifo nosso).

Com o intuito de articular o significado da pedagogia socialista com as premissas da concepção histórico e dialética da realidade material, Saviani, na primeira parte do capítulo “O significado do conhecimento em Marx”, recupera o entendimento do conhecimento em Marx, explicitando seus fundamentos ontológicos e gnosiológicos ao mesmo tempo em que os contrapõem às filosofias metafísicas. Na segunda parte, “Teoria marxista e educação”, Saviani aprofunda a contraposição entre a filosofia marxista e as filosofias metafísicas, explicitando que o sentido do conhecimento em Marx é dialeticamente indutivo e dedutivo, analítico-sintético, abstrato-concreto, lógico-histórico, o que lhe confere a instauração de um novo realismo, cujo método de apreensão da realidade supera, por incorporação, tanto o empirismo positivista quanto o racionalismo idealista.

A partir dessa compreensão do significado do conhecimento, na terceira parte do capítulo “Pedagogia Socialista”, Saviani explicita a relação entre teoria marxista e pedagogia socialista, definindo-a e listando alguns princípios da pedagogia socialista apresentados na obra de Suchodolski, *Fundamentos de Pedagogia Socialista*.

Por fim, na quarta parte “Uma pedagogia concreta” e quinta, “Conclusão: para uma pedagogia de inspiração marxista”, que são partes do capítulo, Saviani conclui que o esforço de construção de uma pedagogia concreta de inspiração marxista implica na apreensão de elementos fundantes do materialismo histórico, tanto de ordem ontológica como epistemológica e metodológica. Nesse sentido, portanto, ele fez uma primeira aproximação ao formular a proposta da pedagogia histórico-crítica, a qual vem sendo dada a continuidade por um conjunto de professores e pesquisadores há pouco mais de 30 anos.

O quarto e o quinto capítulos constituem a segunda parte da obra, e ambos visaram responder às críticas recentes do próprio campo marxista direcionadas à pedagogia histórico-crítica, particularmente aos escritos de Dermeval Saviani.

Conforme observação dos autores da obra, as objeções à pedagogia histórico-crítica não são recentes, pois, desde um seminário realizado em Niterói, em 1985, Saviani (1991, p. 77) já verificava as primeiras críticas a essa corrente pedagógica:

É interessante notar que nessas críticas se unem conservadores da direita e ultras da esquerda. Esses últimos consideram que ser crítico é ser intransigente, é negar inteiramente tudo o que a burguesia produziu, e assim acabam fazendo uma espécie de coro comum com a direita, fustigando a pedagogia histórico-crítica.

No entanto, esses autores observam que a novidade nas críticas mais recentes é o fato de elas serem oriundas do campo marxista, particularmente de pesquisadores estudiosos da obra de Marx e que discutem as teses defendidas pela pedagogia histórico-crítica exatamente em termos de sua coerência com os pressupostos básicos do marxismo e de seu compromisso com a luta pelo socialismo.

Nesse sentido, o quarto capítulo, de autoria de Newton Duarte em parceria com Benedito J. Pinheiro Ferreira, Julia Malanchen e Herrmann V. de Oliveira Muller e intitulado “A pedagogia histórico-crítica e o marxismo: equívocos de (mais) uma crítica à obra de Dermeval Saviani”, procurou, a partir de uma análise rigorosa da tese de doutorado de Ademir Lazarini², evidenciar que os fundamentos da crítica deste autor estão consubstanciados em um “materialismo grosseiro e uma concepção não dialética do capitalismo”.

A transcrição a seguir explicita uma dificuldade de Lazarini em compreender a relação entre dialética e história na concepção de Marx, segundo Duarte e colaboradores (2012, p. 100):

[...] Embora Lazarini afirme ter como uma de suas referências a análise que Lukács faz da categoria trabalho na obra *Ontologia do Ser Social* (2004) (*Ontologia del ser social*), acaba revelando uma enorme dificuldade em compreender as relações entre a humanização e a alienação pelo trabalho. Tal dificuldade parece decorrer do não domínio da relação entre dialética e história na concepção de Marx. Essa é a questão de fundo que impede Lazarini de entender o papel revolucionário do capital na história humana e de entender a dialética entre a positividade e a negatividade do trabalho no período histórico marcado pelas relações capitalistas de produção. [...].

No quinto capítulo, intitulado “Debate sobre educação, formação humana e ontologia a partir da questão do método dialético”, Saviani apresenta a versão ampliada da exposição realizada por ele na Mesa-Redonda “Educação, Formação Humana e Ontologia”, no âmbito do V Encontro Brasileiro de Educação e Marxismo (EBEM) realizado em Florianópolis, em 2011.

Assim, o autor, com base nas categorias dialéticas da totalidade, da contradição e ação recíproca, demonstra a especificidade do trabalho educativo, como também evidencia que as críticas apresentadas por Lazarini, Tumolo e Lessa deveriam ser endereçadas às próprias matrizes teóricas do marxismo (Marx e Gramsci).

Por fim, Saviani conclui que a pedagogia histórico-crítica é uma formulação coletiva, que está em construção, assim seus possíveis equívocos e limites são públicos para que outras teorias possam superá-la por incorporação, conforme as premissas do materialismo histórico e dialético.

Os capítulos 6 e 7 constituem a terceira parte da obra. O capítulo 6, de autoria de Newton Duarte, intitulado “Luta de classes, educação e revolução”, trata-se de uma entrevista concedida à Revista *Germinal*, na qual este autor responde a várias questões sobre a educação hodierna no contexto nacional e mundial.

Duarte, ao avaliar os desafios da revolução socialista na atualidade e a função da educação nesse processo, observa que a desvalorização da escola como instituição precípua de transmissão-assimilação do conhecimento não encontra apoio em nenhum dos clássicos do marxismo. Portanto, a escola, ensinando de verdade os filhos da classe trabalhadora, é algo que oferece perigo à classe dominante, pois a escola, em seu formato clássico, não é uma instituição essencialmente burguesa (distinção entre ideologia e objetividade). O referido autor, apoiado em Saviani, distingue o tradicional e o clássico, polemizando assim com autores do campo marxista que advogam que, na perspectiva socialista, seria necessário adotarmos outro modelo de escola e afirmam que o que a classe trabalhadora precisa não é o fim da escola em sua forma clássica, mas, sim, sua universalização. Finalmente, em relação ao trabalho do professor, Duarte afirma que ele deixará de ser um meio de vida e passará a ser a primeira necessidade vital de muitos indivíduos, para os quais a transmissão do conhecimento será uma atividade de desenvolvimento de sua individualidade como uma individualidade para-si.

Por fim, o capítulo 7, de autoria de Saviani, intitulado “História, trabalho e educação: comentários sobre as controvérsias internas ao campo marxista”, também se trata de uma entrevista concedida à Revista *Germinal*, na qual o autor discute e esclarece a seguinte problemática: por que as esquerdas, de modo geral, e os marxistas, em particular, insistem em fomentar divergências interpretativas sobre as mais variadas questões, sejam elas de ordem teórica ou de ordem prática? Que implicações têm esse fenômeno para o avanço da consciência dos militantes e para a luta revolucionária? No encaminhamento desse debate, Saviani analisa primeiramente a questão referida aos clássicos do marxismo e, num segundo momento, as controvérsias em torno das relações entre história, trabalho e educação. Quanto ao primeiro aspecto, observa que os clássicos do marxismo, com destaque para Marx, Engels, Lênin e Gramsci, guiaram-se sempre por dois princípios: 1) a diferenciação entre a perspectiva proletária e aquela dos burgueses e pequenos burgueses progressistas; e 2) a firme união entre as forças que buscam

expressar e fazer avançar a luta dos trabalhadores. No que se refere ao segundo aspecto, evidencia que, no debate sobre o tema da história, trabalho e educação, tem sobressaído a questão relativa ao significado do trabalho como princípio educativo. Sobre isso, Saviani mostra ser necessário distinguir a questão teórica e a questão estratégica. Esclarece, então, com base nos clássicos do marxismo, o significado teórico do trabalho como princípio educativo, abordando, em seguida, a questão estratégica em cujo âmbito o princípio educativo do trabalho constitui referência para organizar a educação de maneira contra-hegemônica, procurando articulá-la ao movimento revolucionário de superação do capitalismo.

Quanto a algumas considerações acerca da obra, gostaríamos de destacar que estamos diante de um contexto de profunda crise no modo de produção do capital, o qual vem buscando, por meio do processo de reestruturação produtiva e políticas neoliberais, manter por um lado a manutenção das taxas de lucros das grandes corporações mundiais e por outro, por meio de políticas sociais focais (ditas inclusivas), manter a coesão social.

Assim sendo, no Brasil, o discurso em defesa da Educação, embora com toda a contradição desse ideário, vem sendo objeto de políticas governamentais na perspectiva da teoria do capital humano e/ou de pedagogias neopragmáticas.

Assim, no plano imediato e mediato, o abandono da escola, particularmente a luta pela escola pública unitária, parece-nos uma atitude no mínimo negligente para não dizer irresponsável por parte do campo marxista.

Diante disso, a obra organizada por Dermeval Saviani e Newton Duarte auxilia-nos na reflexão sobre esse paradoxo vivenciado pelos educadores brasileiros, especialmente aqueles que lutam por uma formação humana mais significativa, para além do caráter alienante da educação escolar. Isso porque a obra, ainda que reconheça os limites dessa educação na superação da sociedade capitalista, pelo menos nos aponta um horizonte de luta ao demonstrar a coincidência entre a luta pela escola pública e a luta pelo socialismo.

Assim sendo, concordarmos com os organizadores desta obra quando eles sugerem que não devemos recorrer ao ecletismo, saídas que nivelam o conhecimento científico ao conhecimento do senso comum, mas que cerremos fileiras na defesa da função precípua da escola, especialmente no processo de transmissão-assimilação dos conhecimentos mais desenvolvidos, mais ricos em complexidade e em capacidade explicativa da realidade social. Pois a tarefa de constituição de uma sociedade socialista exigirá de todas as capacidades criativas altamente desenvolvidas, o que, na concepção materialista, histórica e dialética, só será possível com a apropriação do que existe de melhor no patrimônio cultural da humanidade.

Entretanto, a discussão sobre o modelo escolar que mantém a função clássica da escola parece-nos pouco explorada, visto que os autores, embora sejam contra a adoção de outro modelo de escola em pelo menos duas passagens da obra, afirmam que finalidades educacionais estão relacionadas às formas de mesma natureza, logo uma teoria educacional de inspiração marxista (pedagogia concreta) exigiria uma escola cuja organização do tempo, espaço e conhecimento se consubstanciasse em bases concretas, atenta, pois, ao desenvolvimento histórico dos conhecimentos e dos próprios alunos.

Por tudo isso, consideramos que a relevância desta obra está, primeiramente, na explicitação dos fundamentos ontológicos e epistemológicos da pedagogia histórico-crítica, em segundo lugar pela forma objetiva e esclarecedora que refuta as críticas recentes do campo marxista endereçadas à referida teoria pedagógica e, por fim, ao situar e especificar os desafios atuais da luta pelo socialismo e a função da educação nessa luta histórico-social.

Assim sendo, recomendamos a leitura desta obra a graduandos e pós-graduandos da área educacional e das Ciências Sociais e Humanas em geral.

Referências:

DUARTE, N. et al. A pedagogia histórico-crítica e o marxismo: equívocos de (mais) uma crítica à obra de Dermeval Saviani. In: SAVIANI, D.; DUARTE, N. (Orgs.). *Pedagogia histórico-crítica e luta de classes na educação escolar*. Campinas: Autores Associados, 2012. p. 87-119.

SAVIANI, D. *Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações*. 2. ed. São Paulo: Cortez/Autores Associados, 1991.

SAVIANI, D.; DUARTE, N. (Orgs.). *Pedagogia histórico-crítica e luta de classes na educação escolar*. Campinas: Autores Associados, 2012.

Notas:

¹ Doutor em História e Filosofia da Educação pela Unicamp. Docente do CEPAE e PPGE, ambos da UFG. Membro pesquisador do Grupo Paideia/Unicamp. E-mail: regishsilva@bol.com.br.

² Tese defendida na Universidade Federal de Santa Catarina em 2010, sob orientação do prof. Dr. Paulo Tumolo.

Recebido em: 02/2014

Publicado em: 05/2015.